

A mudança semântica como reorganização de protótipos O verbo *deixar* *

AUGUSTO SOARES DA SILVA

(Universidade Católica - Faculdade de Filosofia de Braga)

1. Efeitos de prototipicidade na mudança semântica

Com o desenvolvimento da Semântica Cognitiva, as novas ideias sobre a significação têm-se mostrado frutíferas também no estudo da mudança semântica. Um dos aspectos da recente investigação cognitiva diacrónica, que muito tem contribuído para o "renascimento" da Semântica Histórica, é a aplicação do modelo do protótipo sobre a estrutura das categorias lexicais (conhecido por Semântica do Protótipo) aos processos de mudança semântica. Esta aplicação tem sido feita sobretudo por Dirk Geeraerts, em vários dos seus trabalhos¹.

O fenómeno da *prototipicidade* envolve quatro características prototípicas, decorrentes da correlação de duas dimensões: por um lado, a *não-igualdade* entre os elementos (referentes, significados e suas propriedades) de uma categoria (item) lexical, isto é, os seus diferentes graus de saliência e a estrutura interna da categoria sob a forma de um centro e uma periferia, e a *não-discrção*, isto é, a flexibilidade desses elementos e dessa categoria e as dificuldades de demarcação daí resultantes; por outro lado, a distinção entre o nível *extensional* ou referencial (campo referencial de aplicação de uma categoria lexical ou de um significado individual dessa categoria) e o nível *intensional* (dos significados e da sua definição) de um item lexical. Como se sistematiza na Figura 1, às quatro características da prototipicidade (1-4), não necessariamente co-extensivas, correspondem outras tantas características da mudança semântica (a-d)²:

* Este estudo é um resumo de um capítulo de Silva (a apresentar), como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (Out. 93 a Mar. 94).

	EXTENSIONALMENTE (a nível referencial)	INTENSIONALMENTE (a nível dos significados)
NÃO-IGUALDADE (efeitos de saliência, estrutura interna centro+periferia)	(1) graus de representatividade entre os membros de uma categoria (a) mudança semântica como modulações de centros prototípicos	(2) agrupamento de significados em "parecenças de família" e sobreposições (parciais) (b) mudança semântica como alteração do agrupamento de significados em "parecenças de família" e sobreposições
NÃO-DISCRICÃO (problemas de demarcação, flexibilidade)	(3) flutuações nas margens de uma categoria, ausência de limites nítidos (c) mudanças semânticas efémeras (poligénese semântica)	(4) impossibilidade de definições em termos de "condições necessárias e suficientes" (d) natureza "enciclopédica" da mudança semântica: mudança a partir de um subconjunto de um significado já existente

Figura 1 - *Quatro características da prototipicidade e seus efeitos na mudança semântica*

Assim, a *não-igualdade* entre os elementos de um item lexical, manifestada extensionalmente em (1) e intensionalmente em (2), diacronicamente dá origem, respectivamente, às características (a) e (b) da mudança semântica (e vale também dizer que nestas se reflectem aquelas). E a *não-discricão* ou flexibilidade da estrutura semântica de um item lexical, expressa extensionalmente em (3) e intensionalmente em (4), diacronicamente dá origem (e nelas se reflecte), respectivamente, às características (c) e (d) da mudança semântica.

No presente estudo, procuraremos evidenciar uma das formas específicas da característica (b), embora participe também de algumas tonalidades das características (a) e (d): a mudança semântica como *reorganização de protótipos*. Ou seja, uma mudança que consiste fundamentalmente, não tanto no desenvolvimento de novas significações e/ou desaparecimento de outras (embora isso possa também estar presente), mas numa reorganização da estrutura semasiológica e, mais especificamente, numa reestruturação dos seus valores prototípicos. Ilustraremos este efeito particular de prototipicidade na mudança semântica com a história do verbo *deixar*, aqui muito sumariamente apresentada³. Veremos

que o desenvolvimento em *laxare*, no latim pós-clássico, de quase todas as significações do verbo actual foi seguido de duas reorganizações de protótipos: uma nos primeiros períodos do português (em *leixar*) e outra do português antigo ao português moderno.

2. A evolução semântica de *laxare*

Começamos então por conhecer a evolução semântica do verbo latino *laxare* (étimo da forma antiga *leixar*, que veio depois a fixar-se em *deixar*)⁴.

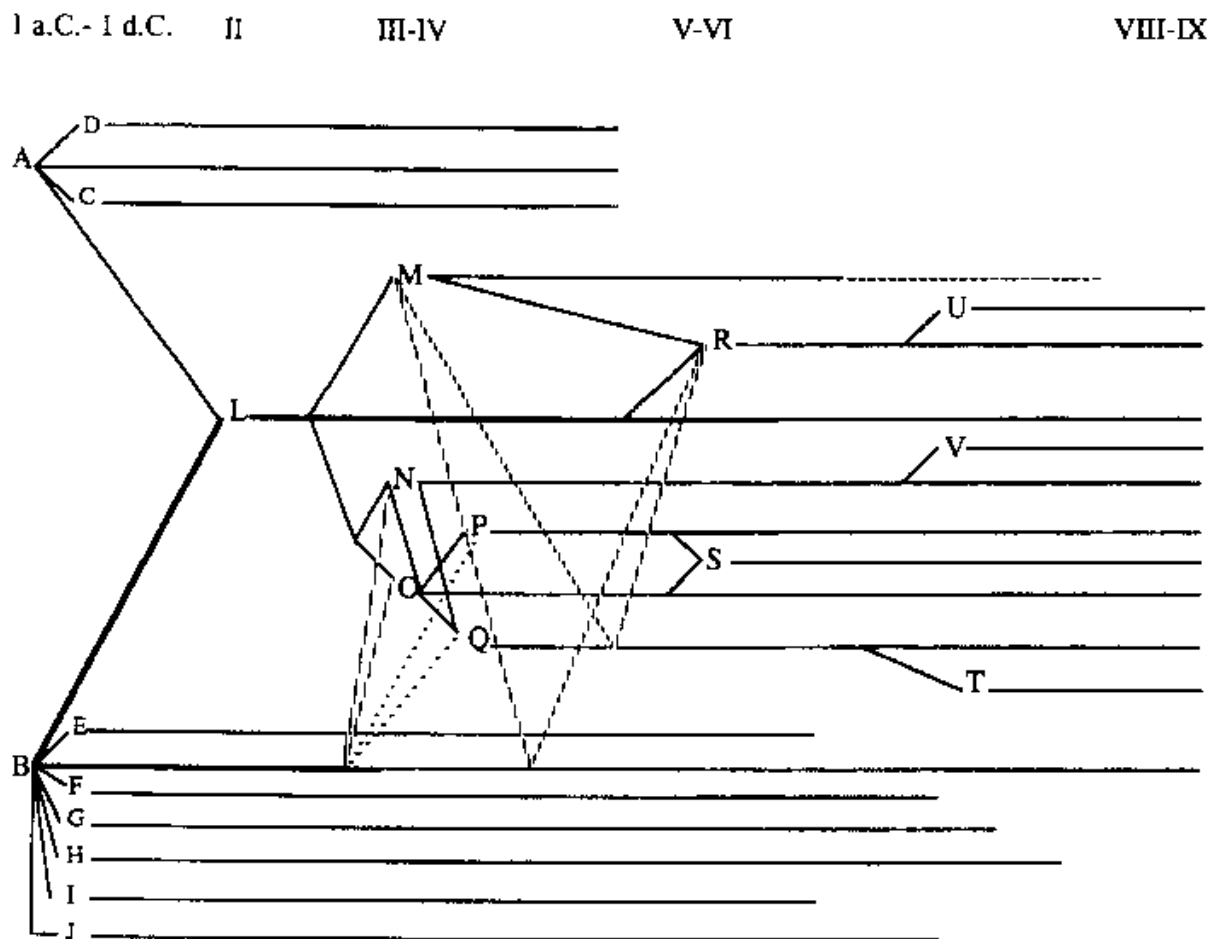
No latim clássico, *laxare* tem por significado principal 'afrouxar, relaxar'. Terá sido provavelmente a partir de 'largar-soltar-libertar', emprego (no latim clássico) em parte implicado noutros usos e em parte figurado, que entretanto se tornou prototípico a partir do séc. II, que se desenvolveram, no latim pós-clássico (e tardio) dois núcleos semânticos: de um lado, 'conceder (paz, licença, etc.)' e 'perdoar (pecados, dívidas)', formados sobretudo na língua da Igreja, e ainda 'permitir, consentir, autorizar; não se opor, não impedir', construído com infinitivo a partir do séc. VI, passando então *laxare* + INF a substituir *sinere*; do outro lado, concorrendo com *relinquere* (e também *linquere*, *derelinquere*, *dimittere*, *deserere*) e acabando por substituir o primeiro, 'abandonar, afastar-se' (talvez dos sécs. III-IV, ou já de antes, como "nuance" de 'largar-soltar'), 'deixar num lugar ou estado (afastar-se depois/sem ter deslocado ou alterado)', 'abandonar (renunciar a, ceder) a posse', e (com documentação clara apenas dos sécs. VIII-IX) 'legar, doar', etc.

Não vamos aqui analisar as motivações e os mecanismos de cada um destes desenvolvimentos. Digamos apenas que 'permitir; não impedir' representa uma extensão metonímico-metafórica de 'largar-soltar-libertar', ainda mais motivada pela analogia com *sinere* e *permittere*, verbos que anteriormente tinham sido objecto deste mesmo desenvolvimento semântico. Por seu lado, 'abandonar, afastar-se' representa uma inversão do *esquema imagético* ("image schema") de 'largar-soltar-libertar'; e 'deixar num lugar ou estado' terá provavelmente resultado de uma *reanálise* sintáctico-semântica da estrutura bivalencial "circunstante locativo - OD - V" (isto é, 'largar-soltar-libertar, num determinado lugar') na estrutura trivalencial "actante locativo - OD - V".

A Figura 2 procura representar a própria "estrutura diacrónica" de *laxare*, desde o latim clássico até aos últimos períodos do "latim vulgar".

Aproveitemos para verificar que toda esta evolução ilustra bem as características da mudança semântica identificadas na Figura 1 como (a), (b) e (d). A característica (a) expressa-se na expansão do protótipo original 'afrouxar, relaxar' (B) para 'largar-soltar-libertar' (L), e deste para novos valores. A característica (b) está patente em três factos: primeiro, no desenvolvimento não-linear, isto é, os novos valores surgem frequentemente, não de uma única origem, mas de influências conjuntas de significados pré-existentes; segundo, no desaparecimento de determinados conteúdos periféricos: cf. (A), (C), (D) e, depois, (E), (I), (F), (G), (H) e o significado derivado (M); terceiro, na despromoção de valores

prototípicos: cf. (B) e (L). Quanto a (d), podemos-la ver, por exemplo, na génese dos valores trivalentiais, a começar por (O) 'afastar-se depois de ter deslocado': este valor terá surgido, por reanálise, de um subconjunto de natureza contextual e pragmática do protótipo (L) - 'largar-soltar-libertar, num determinado lugar'.



- | | |
|---------------------------|--|
| A: alargar, ampliar | L: largar-soltar-libertar |
| B: afrouxar, relaxar | M: conceder (dom, direito), perdoar |
| C: espaçar, dispersar | N: afastar-se, abandonar |
| D: prolongar um período | O: afastar-se depois de ter deslocado |
| E: abrir, desobstruir | P: afastar-se depois de ter alterado |
| F: desatar, desligar | Q: afastar-se depois de ter transferido a posse |
| G: relaxar (corpo) | R: permitir, consentir, autorizar (com infinitivo) |
| H: relaxar (espírito) | S: não alterar |
| I: dissolver, desintegrar | T: legar, doar |
| J: reduzir, diminuir | U: não impedir (não intervir, passivamente) |
| | V: não se aproximar |

Figura 2 - A estrutura diacrónica de LAXARE

3. *Leixar* no português antigo: primeira reorganização de protótipos

Vejam agora a situação de *leixar* no português antigo, em comparação com *laxare*.

O desaparecimento do valor prototípico primitivo 'afrouxar, relaxar' (enfraquecido já no latim tardio) e, sobretudo, a despromoção do protótipo 'largar-soltar-libertar' (consumada agora) abrem caminho a um certo (re)afastamento dos dois grupos semânticos que se tinham desenvolvido no latim pós-clássico e, simultaneamente, a uma mudança de protótipos, do domínio espacial para o domínio psico-social (das funções e relações interpessoais), passando agora a destacar-se claramente, num dos grupos, o protótipo 'permitir, conceder permissão' e, no outro, o protótipo 'abandonar (uma relação ou função)'. Todo este processo de desprototipização, por um lado, e prototipização, por outro, podemos-lo ver na Figura 3 (os círculos destacados identificam valores prototípicos).

Como se pode verificar pela mesma Figura, a despromoção de 'largar-soltar-libertar' (bem patente no seu índice de frequência: apenas 5,2%) é acompanhada de uma deslocação para o núcleo da estrutura de *leixar* que mais se lhe ajusta semântica e sintacticamente, isto é, o grupo de 'permitir' (construído com infinitivo), embora não deixe de se associar ao grupo de 'abandonar' (não só mas também pelo facto de o complemento de 'largar-soltar-libertar' poder ser expresso nominalmente). Situação diferente foi a que se deu no francês: aí, em vez de despromoção semasiológica, o que houve foi uma mudança (e promoção, se quisermos) onomasiológica; isto é, 'largar-soltar-libertar', juntamente com o protótipo primitivo 'afrouxar, relaxar' tornaram-se onomasiologicamente distintos e autónomos, passando a ser expressos por *lâcher*, cognato de *laisser*.

Os dois núcleos semânticos distinguem-se e opõem-se agora semântica e sintacticamente, de uma forma mais clara. Temos então, de um lado, *leixar* I ('abandonar, afastar-se, legar', etc.), caracterizado essencialmente pela construção *estática* do seu objecto e pelo movimento (físico ou abstracto) de afastamento do sujeito. Do outro lado, *leixar* II ('permitir, consentir, não impedir, largar-soltar-libertar', etc.), que se caracteriza pela construção *dinâmica* do seu objecto, formalmente expressa num complemento verbal (uma oração de infinitivo e muito raramente uma completiva de *que*), e consequentemente por ser o objecto o elemento que realiza o movimento (abstracto ou físico) de afastamento. Cumpre também notar que *leixar* II se semi-gramaticaliza na chamada construção "causativa" (de origem latina, mas desenvolvendo agora graus superiores de gramaticalização) e, desse modo, não só se torna frequente (está representada em 29,4% de todas as construções de *leixar* do nosso "corpus"), como se afasta do resto. Por seu lado, *leixar* I reforça as capacidades trivalentiais (a frequência das construções objectivas locativa, predicativa e dativa é de 27,6%).

Consideremos mais de perto os dois novos protótipos. 'Abandonar' em sentido relacional e funcional (protótipo de *leixar* I), e bivalentemente construído, regista uma frequência de 17% (do total das ocorrências de *leixar*)⁵, mas visto que este valor semântico está incorporado noutras significações de *leixar* I,

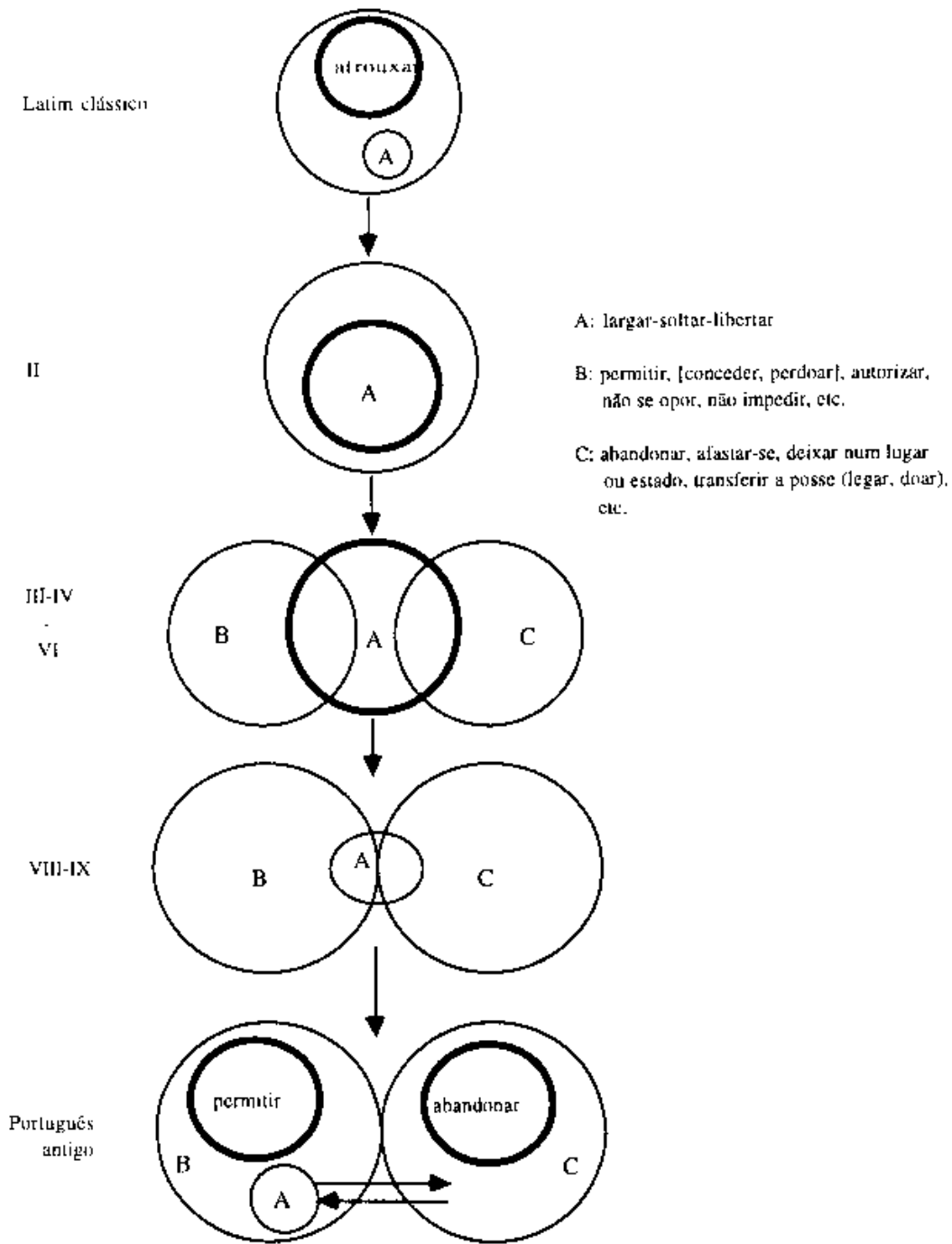


Figura 3 - *Desprototipização e prototipização*

nomeadamente trivalentiais, a sua frequência é bem superior. Comparativamente, os valores estritamente espaciais de *leixar* I, tanto bivalentiais, isto é, 'afastar-se, ir embora' (com apenas 4,3%) e (configurando o afastamento *passivo* do sujeito) 'não se aproximar', como trivalentiais, ou seja, 'fazer ficar depois de deslocar' e 'não levar', que agora se desenham todos mais claramente, totalizam apenas 11,4%. Quanto a 'permitir, conceder permissão' (protótipo de *leixar* II), a

sua frequência é de 17,5%, largamente superior aos 6,4% da significação que representa a *passividade* do sujeito de *leixar* II, isto é, 'não intervir, não impedir, não fazer caso' (agora mais clara do que no latim). Importa notar ainda que esta saliência semasiológica de 'abandonar' e 'permitir' ganha maior evidência com a própria saliência onomasiológica de *leixar* relativamente a estes dois valores semânticos, os quais só mais tarde encontrarão verdadeiras alternativas lexicais nos vocábulos *abandonar* (galicismo) e *permitir* (cultismo e provavelmente tecnicismo da linguagem jurídica, tal como no latim tardio).

Atente-se ainda num outro novo facto semântico de *leixar*. Emergem agora determinadas significações genéricas e abstractas (*esquemáticas*, numa palavra), dum lado e do outro da estrutura de *leixar*. Ao esquema da 'actividade' do sujeito de *leixar* I (isto é, atitude activa do referido sujeito), compreendendo as variantes 'abandonar', 'afastar-se', 'fazer ficar depois de deslocar', 'não levar', 'fazer ficar depois de alterar', 'não alterar', 'transferir a posse (ceder, legar)', etc., opõe-se o esquema da 'passividade' do mesmo sujeito, realizado nas variantes 'não se aproximar', 'abster-se de levar', 'abster-se de alterar', 'não tomar em posse'. E ao esquema da 'actividade' do sujeito de *leixar* II, compreendendo as variantes 'permitir, consentir, autorizar' e 'largar-soltar-libertar', opõe-se também o esquema da 'passividade' do mesmo sujeito, realizado em 'não impedir (não fazer caso)'. Secundariamente, no esquema da 'actividade' do sujeito das duas sub-categorias estabelece-se um contraste esquemático entre 'agir depois de uma acção prévia' (por exemplo, 'fazer ficar depois de deslocar', em *leixar* I; e 'largar-soltar-libertar', em *leixar* II) e 'agir sem acção prévia' (por exemplo, 'abandonar' ou 'afastar-se', em *leixar* I; e 'permitir', em *leixar* II). De tudo isto, resultam dois conteúdos esquemáticos, ainda ténues, um para cada categoria (cf., adiante, Figura 4): *leixar* I tem por esquema 'suspender a interacção', elaborado como 'suspender activamente (com/sem intervenção prévia) ou passivamente a interacção espacial ou não-espacial', e *leixar* II tem por esquema 'não intervir', elaborado como 'não intervir, activamente (com/sem intervenção prévia) ou passivamente'. Todas estas significações esquemáticas, que surgem depois de bem estabelecidas as variantes particulares, vêm compensar a desprototipização referida e, sobretudo, repor em *leixar*, subdividido em dois grupos semânticos, uma nova *coerência* interna.

4. Do português antigo ao português moderno: segunda reorganização de protótipos

Do português antigo ao português moderno, dá-se uma nova reorganização de protótipos, mas mais simples que a anterior, resultante de um reforço dos valores *passivos*, sobretudo em relação a *leixar* II. Ora vejamos cada um dos factos.

A frequência de todos os valores *passivos* aumenta de 15,7% no português antigo (9,3% em *leixar* I e 6,4% em *leixar* II) para 26,6% no português seiscentista e setecentista (15,6% em *deixar* I e 11% em *deixar* II), e no português moderno cifra-se em 25,6% (8,8% em *deixar* I e 16,8% em *deixar* II). Mas é o valor *passivo* de

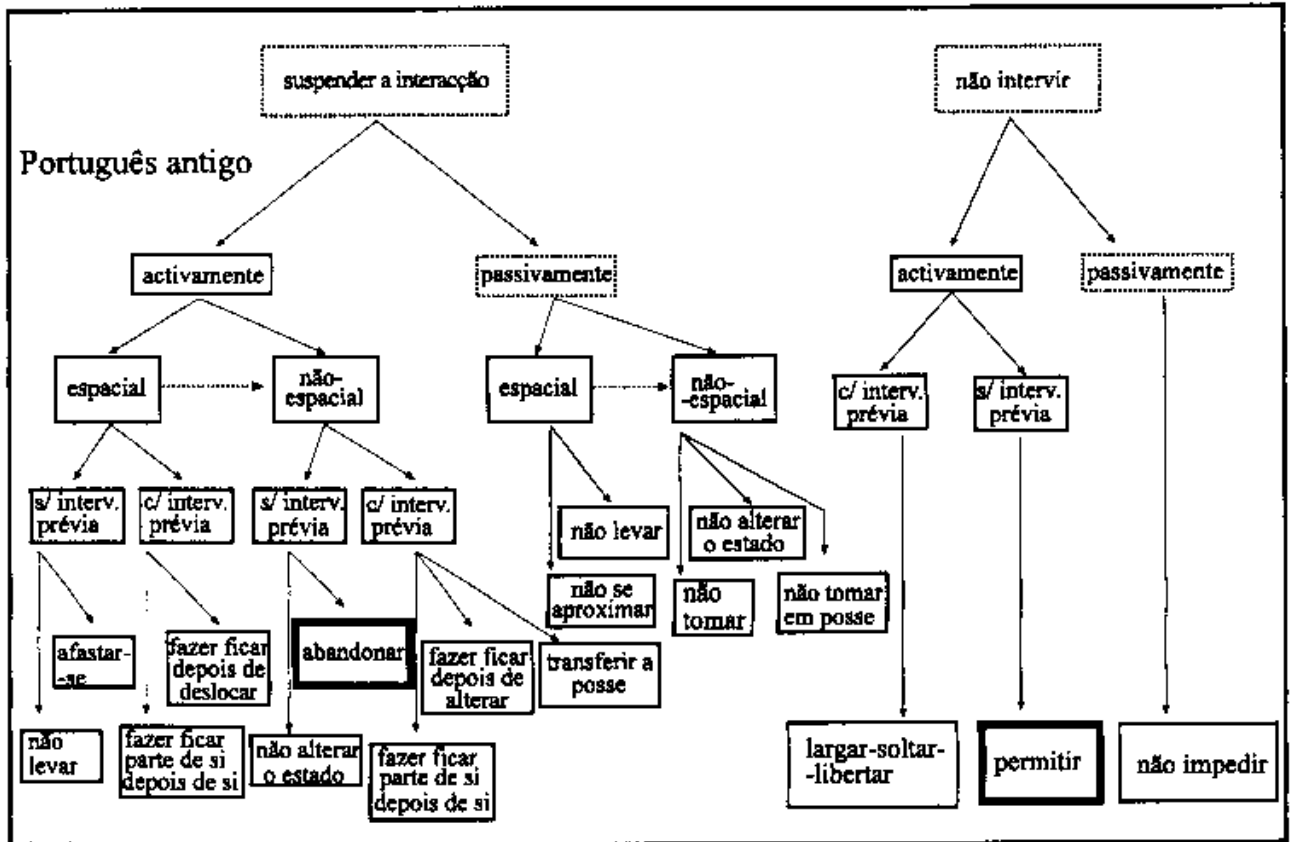
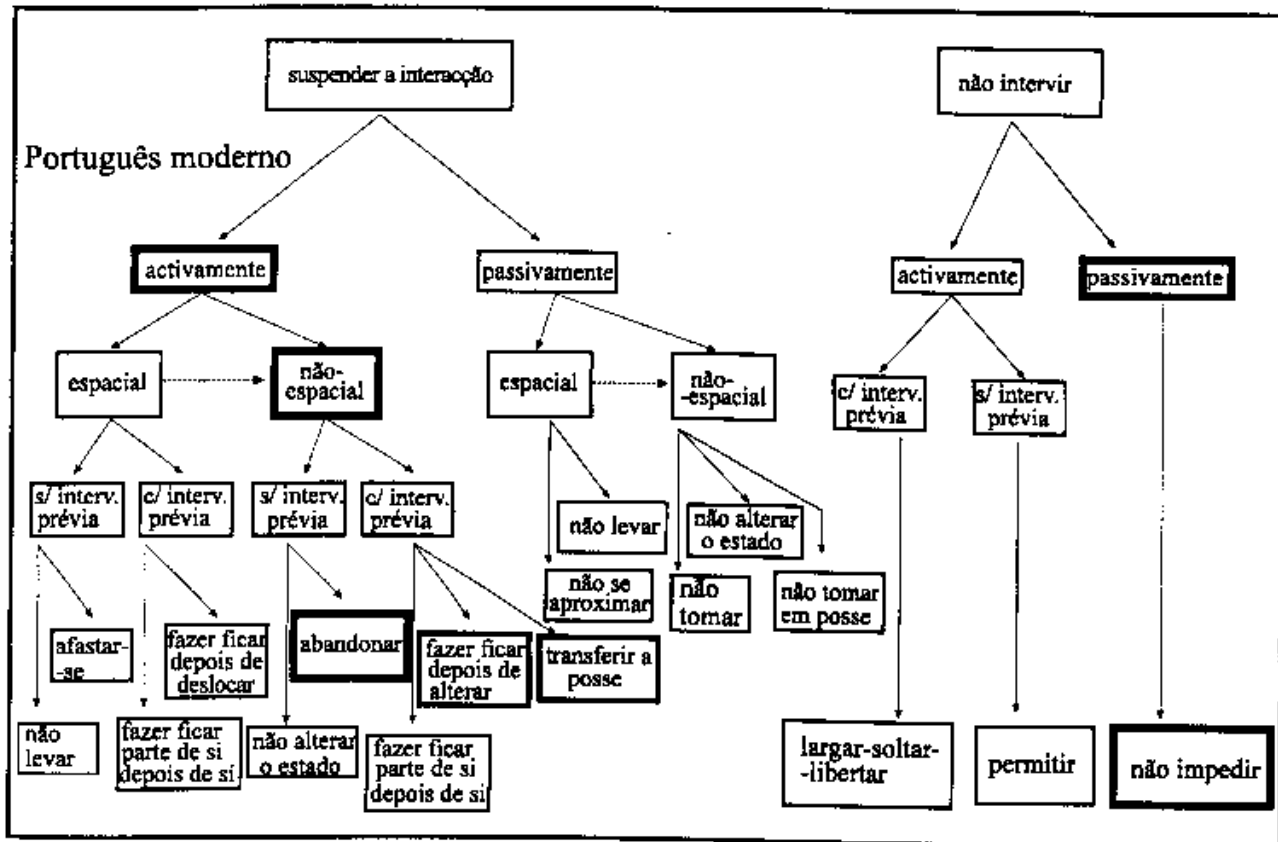


Figura 4 - Do português antigo ...

leixar-deixar II, isto é, 'não impedir' (e, com um grau superior de passividade, 'não fazer caso'), o que, comparativamente, é mais reforçado. Com efeito, no português dos sécs. XVI e XVII esta variante *passiva* chega a superar ligeiramente a frequência da variante *activa* 'permitir' (11% contra 10,3%, respectivamente), ao passo que no português antigo a distribuição destas duas variantes é claramente inversa (6,4% da variante *passiva* contra 17,5% da variante *activa*). E no português moderno a frequência de 'não impedir (não fazer caso)' (16,8%) é bem superior à de 'permitir' (10,3%).

A *passividade* do sujeito de *deixar* torna-se pois cada vez mais clara, ou seja, os valores *passivos*, cronologicamente posteriores aos *activos*, e portanto mais jovens do que estes, passam a ocupar um lugar mais importante na estrutura geral. Mas é a grande promoção da *passividade* de *deixar* II, como contraponto à tendência dinâmica do objecto (isto é, passividade do sujeito face à actividade do objecto), e em relação à qual não será alheia a entrada na língua do verbo *permitir* nos finais do português antigo, quem vai originar uma dissimetria dos valores prototípicos. Isto é, se no português antigo os dois valores prototípicos eram ambos *activos* ('abandonar' e 'permitir'), a partir do português clássico continua, de um lado (em *deixar* I), o mesmo protótipo *activo* ('abandonar'), mas, do outro (em *deixar* II), o



... ao português moderno

protótipo passa a ser *passivo* ('não intervir, passivamente: não impedir').

Por outro lado, a consolidação das significações esquemáticas (referidas acima), a partir do português clássico, desencadeia uma certa "subida" dos valores prototípicos para níveis superiores de generalidade: em *deixar* I, e em virtude também da (re?)entrada, por esta altura, do galicismo *abandonar*, temos o conteúdo prototípico genérico 'suspender activamente a interacção não-espacial (relacional-funcional)', com três pontos focais ('abandonar', o mais prototípico, 'fazer ficar depois de alterar o estado' e 'transferir a posse ou a responsabilidade'); em *deixar* II, o conteúdo prototípico genérico 'não intervir, passivamente'.

Todas estas alterações – reforço dos valores passivos, passivização de *deixar* II, dissimetria e subida dos valores prototípicos, consolidação dos conteúdos esquemáticos – podemos-las visualizar comparando os "networks" (parciais) do nosso verbo no português antigo e no português moderno, dados na Figura 4 (os rectângulos pontilhados marcam conteúdos pouco salientes e os destacados, conteúdos prototípicos; as setas contínuas representam especificações e as descontínuas, extensões metafóricas e metonímicas).

5. Conclusão

Concluindo, a história de *leixar-deixar* envolve uma reestruturação semasiológica do verbo latino *laxare*, centrada numa reorganização de protótipos. Uma reorganização de protótipos que consiste em despromoções, promoções e deslocções. Uma mudança semântica, esta, escondida, dada a permanência dos conteúdos em causa,⁶ que esperamos ter conseguido revelar. Por outro lado, esperamos ter também contribuído para mostrar a adequação da teoria do protótipo no estudo da mudança semântica.

NOTAS

- ¹ Geeraerts (1983a,b, 1984, 1985a,b, 1986, 1990, 1992, 1994, 1995). Geeraerts (1995) é uma síntese de toda a sua investigação semântica diacrónica durante mais de uma década, onde alguns aspectos são revistos e aperfeiçoados. De referir que Winters (1989, 1992) e Melis (1990), entre outros, aplicam também o modelo do protótipo à mudança linguística, mas relativamente a categorias gramaticais.
- ² Sobre estas quatro características ou efeitos de prototipicidade (sincrónica), veja-se Geeraerts (1989). E sobre estes quatro efeitos de prototipicidade na mudança semântica (semasiológica), cf. Geeraerts (1992), cuja classificação aí apresentada é ligeiramente revista em Geeraerts (1995: cap. 1).
- ³ Dadas as limitações do presente estudo, não documentaremos com exemplos os valores semânticos de *laxare* e de *leixar-deixar*. A análise que aqui apresentamos foi feita com base nos seguintes "corpora" (na sua maior parte por nós elaborados e que passamos a descrever muito sumariamente, indicando o número de ocorrências contextualizadas):
 Latim Clássico: Séneca (81 oc. *laxare-laxus*) [fonte: CETEDOC, Louvain-la-Neuve];
 Latim Pós-Clássico: vários autores cristãos [fonte: CETEDOC, Louvain-la-Neuve], Apuleio, Amiano Marcelino, *Lex Visigothorum* [fonte: Dep. de Latim e Grego da Facultad de Filología de Santiago de Compostela], *Portugaliae Monumenta Historica, Liber Fidei* (392 oc.);
 Português Antigo: *Chancelaria de D. Afonso III e História do Galego-Português* [fonte: CIPM, Dep. de Estudos Linguísticos, FCSH], *Foro Real, Cancioneiro da Ajuda, La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla, Crónica Geral de Espanha de 1344, A Demanda do Santo Graal, Crónica de Dom Fernando*, etc. (960 oc.);
 Português Clássico: *Menina e Moça ou Saudades, Ásia - Terceira Década, Peregrinação, Os Lusíadas, O Soldado Prático, Cartas Familiares, Sermões I, Luz e Calor*, etc. (462 oc.);
 Português Moderno (sécs. XIX e XX): vários textos jornalísticos, literários (em prosa), científicos, orais (2858 oc.).
- ⁴ A troca de [l] por [d], característica das línguas ibéricas e de outras línguas românicas meridionais, ainda hoje não encontrou uma explicação definitiva.
- ⁵ Os valores percentuais já indicados e que indicaremos a seguir dizem sempre respeito ao total de ocorrências de *leixar-deixar* do respectivo "corpus". De referir também que nem sempre é fácil e nem sempre é possível distinguir uma significação de outra. No primeiro caso, contabilizámos a significação que nos pareceu predominante; no segundo, isto é, em relação às ocorrências que se caracterizam por uma neutralização ou por uma fusão de significações diferentes, classificámo-las à parte.
- ⁶ Esta mudança semântica envolve mecanismos idênticos aos que são descritos por Melis (1990), no seu estudo sobre a evolução dos verbos pronominais em francês, e por Winters (1989), no seu estudo sobre a evolução do conjuntivo em francês.

BIBLIOGRAFIA

- GEERAERTS, Dirk – 1983a “Prototype theory and diachronic semantics. A case study”, *Indogermanische Forschungen* 88, p. 1-32.
- 1983b “Reclassifying semantic change”, *Quaderni di Semantica* IV-2, p. 217-240.
- 1984 “Diachronic extensions of prototype theory”, G. Hoppenbrouwers et al. (eds.), *Meaning and the Lexicon*, Dordrecht, Foris Publications, p. 354-362.
- 1985a “Cognitive restrictions on the structure of semantic change”, J. Fisiak (ed.), *Historical Semantics - Historical Word Formation*, Berlin, Mouton de Gruyter, p. 127-153.
- 1985b “Polysemization and Humboldt’s principle”, *Cahiers de l’Institut de Linguistique de Louvain* XI, 3/4, p. 29-50.
- 1986 “Functional explanations in diachronic semantics”, *Belgian Journal of Linguistics* 1, p. 67-93.
- 1989 “Prospects and problems of prototype theory”, *Linguistics* 27, p. 587-612.
- 1990 “Homonymy, iconicity, and prototypicality”, *Belgian Journal of Linguistics* 5, p.49-74.
- 1992 “Prototypicality effects in diachronic semantics: a round-up”, G. Kellermann e M. Morrissey (eds.), *Diachrony within Synchrony: Language, History, and Cognition*, Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 183-203.
- 1994 “Subsets in semantic change: generalising inductive generalisation”, K. Carlon, K. Davidse e B. Rudzka-Ostyn (eds.), *Perspectives on English. Studies in Honour of Professor Emma Vorlat*, Leuven, Peeters, p. 128-139.
- 1995 *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*, (Preliminary version), Katholieke Universiteit Leuven (a publicar pela Oxford University Press em 1997).
- MELIS, Ludo – 1990 “Pronominal verbs in old and modern French or How prototypes can be restructured on the basis of permanent meaning effects”, *Belgian Journal of Linguistics* 5, p. 87-108.
- SILVA, Augusto S. – (a apresentar) *A Semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*, Dissertação de doutoramento, Universidade Católica, Faculdade de Filosofia de Braga.
- WINTERS, Margaret E. – 1989 “Diachronic prototype theory: on the evolution of the French subjunctive”, *Linguistics* 27, p. 703-730.
- 1992 “Schemas and prototypes: remarks on syntax change”, G. Kellermann e M. Morrissey (eds.), *Diachrony within Synchrony: Language, History, and Cognition*, Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 265-280.